Revista Eletrônica
Acervo Saúde
Electronic Journal Collection Health ISSN 2178-2091

Rituais de parto e nascimento entre mulheres Sateré-Mawé: a visão de quem cuida

Birth and birth rituals among Sateré-Mawé women: the view of those who care

Nacimiento y rituales de nacimiento entre mujeres Sateré-Mawé: la mirada de quienes cuidan

Katiele de Souza Queiroz[1], Sibele Naiara Ferreira Germano[1], Arinete Veras Fontes Esteves[1], Giovanna Gonçalves Duarte[1], Marcos Vinícius Costa Fernandes[1], Anne Grace Andrade da Cunha Marques[2].

RESUMO

Objetivo: Compreender a percepção dos enfermeiros que vivenciaram ao parto e nascimento das mulheres da etnia Sateré-Mawé, identificar os rituais de parto e nascimento de mulheres Sateré-Mawé a partir da percepção dos enfermeiros e descrever os rituais de parto e Nascimento vivenciados pelos enfermeiros durante a assistência em área indígena às mulheres da etnia Sateré-Mawé. **Métodos:** Trata-se de um estudo de caráter descritivo-exploratório prospectivo, com abordagem qualitativa, realizado com 8 enfermeiros que atuavam na secretaria especial de saúde indígena do município de Maués. A coleta de dados se deu por meio de entrevista semi-estruturada. A análise dos dados foi realizada por meio da análise temática proposta por Minayo. A pesquisa desenvolveu-se no período de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019. **Resultados:** Foram agrupados em duas categorias: as parteiras tradicionais indígenas enquanto cuidadoras do processo de parto e nascimento das mulheres Sateré-Mawé em área indígena; e rituais de parto e nascimento: o protagonismo da mulher indígena Sateré-Mawé. **Conclusão:** As percepções dos enfermeiros sobre o processo de parto e nascimento entre mulheres Sateré-Mawé identifica a presença de rituais, evidenciando a figura da parteira e o protagonismo das mulheres Sateré-Mawé neste processo, ainda presents mesmo em meio ao contato com o não-indígena.

Palavras-chave: Enfermagem, Saúde das populações indígenas, Saúde da mulher, Parto normal, Comportamento ritualístico.

ABSTRACT

Objective: To understand the perceptions of nurses who experienced labor and birth of Sateré-Mawé women, to identify the labor and birth rituals of Sateré-Mawé women from their perspective, and to describe the labor and birth rituals experienced by nurses during care provided to Sateré-Mawé women in an indigenous area. **Methods:** This is a prospective, descriptive-exploratory study with a qualitative approach, conducted with eight nurses who worked in the Special Department of Indigenous Health of the municipality of Maués. Data collection was carried out through semi-structured interviews. Data analysis was performed using the thematic analysis proposed by Minayo. The research was carried out from February 2018 to February 2019. **Results:** The results were grouped into two categories: traditional indigenous midwives as caregivers of the labor and birth process of Sateré-Mawé women in an indigenous area; and labor and birth rituals: the leading role of Sateré-Mawé Indigenous women. **Conclusion:** Nurses' perceptions of the labor and birth process among Sateré-Mawé women identify the presence of rituals, highlighting the role of the midwife and the leading role of Sateré-Mawé women in this process, which are still present even in contact with non-Indigenous people.

Keywords: Nursing, Indigenous health, Women's health, Natural childbirth, Ritualistic behavior.

[1] Universidade Federal do Amazonas, Manaus - AM.
[2] Universidade Federal do Acre, Rio Branco - AM.

SUBMETIDO EM: 7/2025 | **ACEITO EM: 8/2025** | **PUBLICADO EM: 9/2025**

RESUMEN

Objetivo: Comprender las percepciones de enfermeras que experimentaron el trabajo de parto y nacimiento de mujeres Sateré-Mawé, identificar los rituales de trabajo de parto y nacimiento de las mujeres Sateré-Mawé desde su perspectiva y describir los rituales de trabajo de parto y nacimiento experimentados por enfermeras durante la atención brindada a mujeres Sateré-Mawé en un área indígena. **Métodos:** Se trata de un estudio prospectivo, descriptivo-exploratorio con enfoque cualitativo, realizado con ocho enfermeras que trabajaban en el Departamento Especial de Salud Indígena del municipio de Maués. La recolección de datos se realizó mediante entrevistas semiestructuradas. El análisis de datos se realizó utilizando el análisis temático propuesto por Minayo. La investigación se llevó a cabo de febrero de 2018 a febrero de 2019. **Resultados:** Los resultados se agruparon en dos categorías: parteras indígenas tradicionales como cuidadoras del proceso de trabajo de parto y nacimiento de mujeres Sateré-Mawé en un área indígena; y rituales de trabajo de parto y nacimiento: el papel protagónico de las mujeres indígenas Sateré-Mawé. **Conclusión:** Las percepciones de las enfermeras sobre el proceso de parto y nacimiento en mujeres Sateré-Mawé identifican la presencia de rituales, destacando el rol de la partera y el protagonismo de las mujeres Sateré-Mawé en este proceso, que aún persisten incluso en contacto con personas no indígenas.

Palabras clave: Enfermería, Salud indígena, Salud de la mujer, Parto natural, Comportamiento titualista.

INTRODUÇÃO

Nos últimos anos, a saúde da mulher vem despontando no meio social, político e científico, conquistando um espaço importante na sociedade em geral, sendo caracterizada pela criação de políticas de atenção à saúde da mulher, como também a produção de grande número de estudos, que enfocam os direitos reprodutivos e políticas públicas, a relação de gênero, saúde sexual, anticoncepção, epidemiologia de infecções sexualmente transmissíveis e câncer ginecológico, no entanto dados sobre a saúde da mulher indígena ainda são incipientes, bem como políticas específicas para essa parcela da população (COIMBRA CEAe GARNELO L, 2003).

A população dos índios Sateré-Mawé, considerados descobridores do guaraná (*Paullinia sorbilis*), habitam a região do médio Amazonas, ocupando dois espaços de Terras Indígenas (TI) a saber: uma denominada TI Andirá-Marau, localizada na fronteira dos estados do Amazonas e Pará, e um pequeno grupo na TI Koatá-Laranjal no município de Nova Olinda do Norte junto à etnia Munduruku, mas também podem ser encontrados em pequeno número morando nas cidades situadas no estado do Amazonas: Barreirinha, Parintins, Maués, Nova Olinda do Norte e Manaus (LORENZ SS, 2015).

A realidade demográfica em decorrência de processos migratórios causados pela inclusão do indígena ao mercado de trabalho, dos conflitos por terra e da insuficiente infraestrutura e disponibilidade de serviços essenciais (como os de saúde e educação) nas terras indígenas faz com que a presença desta etnia no meio urbano seja cada vez mais prevalente (TEIXEIRA P, et al., 2009).

A rotina desta etnia é cercada de rituais que marcam sua existência e a construção de sua etnicidade e cultura. Dentre os mais significativos rituais referentes a mulher, tem-se o Ritual da Menina Moça, que ocorre na primeira menstruação e marca a transição da passagem da menina para a vida de mulher, inserindo-a para a vida do casamento, procriação e responsabilidades produtivas na aldeia onde se encontra (BARROSO MF 2011). Há ainda o ritual do consumo do guaraná (*Paullinia sorbili*) utilizado em períodos da menstruação, gravidez, pós-parto e luto, considerado um ritual de regeneração e revitalização corporal (RODRIGUES RA, et al., 2014).

No que se refere aos rituais direcionados a gestação, parto e nascimento, não se tem conhecimento científico específico para esta temática, apesar das políticas públicas da gestão superior serem voltadas para assistir a mulher em todas as etapas da vida, desde o nascimento a sua finitude respeitando culturas, raças, crenças e etnias. É possível inferir diante do exposto, que ainda há uma lacuna na literatura científica relacionada aos rituais de parto e nascimento vivenciados por enfermeiros enquanto profissionais de área indígena. Para Coimbra CEA e Garnelo L. (2003) os estudos da saúde indígena da mulher são predominantemente direcionados para as infecções sexualmente transmissíveis (ISTs) e câncer ginecológico.

Dentro da equipe multidisciplinar, destaca-se além dos agentes indígenas de saúde, os enfermeiros, responsáveis por realizar trabalho de prevenção de doenças e promoção da saúde, fato que favorece uma maior aproximação do profissional com os indígenas e maior probabilidade de presenciar e participar dos rituais dessa etnia, em especial os rituais de parto e nascimento, ainda pouco conhecidos em virtude da lacuna na literatura científica sobre essa temática.

Diante desta assertiva, chegou-se a seguinte problemática da pesquisa: o enfermeiro enquanto integrante da equipe multidisciplinar tem envolvimento no cuidado à mulher indígena durante o ritual do parto e nascimento (que vem sendo esquecida gradativamente, por conta do maior contato dos povos indígenas com os não indígenas). A partir do exposto, questionou-se: durante o período em que realizam a assistência às índias da etnia Sateré-Mawé em território indígena, os enfermeiros observam se ainda existem rituais de parto e nascimento? E se ainda existem, quais são os rituais de parto e nascimento dessa etnia?

MÉTODOS

Trata-se de uma pesquisa, de caráter descritivo-exploratório prospectivo, com abordagem qualitativa buscando compreender a percepção dos enfermeiros que vivenciaram ao parto e nascimento da etnia Sateré-Mawé, tal modalidade trabalha com um espaço mais profundo das relações e fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis (MINAYO MCS, 2014).

O cenário da pesquisa foi a Secretaria Especial de Saúde Indígena (SESAI) do município de Maués – Amazonas, localizada na zona urbana do município, a qual faz parte do Distrito Sanitário Especial Indígena de Parintins. A escolha do local ocorreu em virtude da existência de polos bases de assistência à população indígena da etnia Sateré-Mawé neste município.

Participaram da pesquisa os 08 enfermeiros da SESAI do município de Maués, o qual corresponde a todos os enfermeiros que atuavam na assistência em área indígena da população indígena Sateré-Mawé do município, atendendo os critérios de inclusão e que aceitaram participar da pesquisa assinando o termo de consentimento livre e esclarecido. Como critérios de inclusão: ser enfermeiros que estivessem exercendo sua função na SESAI no município de Maués e que já vivenciaram o parto e nascimento das mulheres da etnia Sateré-Mawé. E como critérios de exclusão: enfermeiros que estivessem de licença, afastados ou de férias no momento da coleta.

A pesquisa desenvolveu-se no período de fevereiro de 2018 a fevereiro de 2019. A coleta de dados ocorreu em novembro de 2018, realizada após liberação do termo de anuência do Conselho Distrital de Saúde Indígena de Parintins, o qual abrange a SESAI do município de Maués e aprovação da proposta de pesquisa junto ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Amazonas – UFAM, por meio do Parecer 2.872.347 e CAAE: 93292518.7.0000.5020, buscando-se atender às exigências do Conselho Nacional de Saúde no concernente à execução de pesquisas com seres humanos, nomeadas pela Resolução 466/12.

Inicialmente, foi contactado o coordenador da SESAI, informado sobre a realização da pesquisa e o mesmo entrou em contato com os demais enfermeiros. A pesquisadora, então conversou com cada enfermeiro, explicou os objetivos da pesquisa e convidou os que estavam dentro dos critérios de inclusão a participar, após foram assinadas as duas vias do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Os enfermeiros foram convidados a realizar a entrevista em ambiente restrito, com duração de 15 a 30 minutos, gravadas em MP3 e posteriormente transcritas na íntegra, para que fosse assegurado o anonimato dos colaboradores, utilizou-se em sua identificação a palavra enfermeiro e a numeração conforme a ordem de entrevista, posterior análise temática proposta por (MINAYO MCS, 2014).

As informações foram obtidas por meio de uma entrevista semiestruturada dividida em dois blocos, proposta pela pesquisadora, abrangendo os seguintes itens: no primeiro bloco, a identificação e caracterização social e de formação dos colaboradores da pesquisa e no segundo, quanto às percepções dos rituais de parto e nascimento do enfermeiro, vivenciados na assistência as mulheres da etnia Sateré-Mawé, observando perguntas norteadoras, como: O quê é parto para você? O quê é cultura?

As respostas colhidas foram organizadas seguindo-se as temáticas procedentes das perguntas norteadoras do estudo e na análise foram interpretadas: a percepção dos enfermeiros que vivenciaram ao parto e nascimento das mulheres da etnia Sateré-Mawé, a identificação dos rituais de parto e nascimento de mulheres Sateré-Mawé a partir da percepção dos enfermeiros e a descrição dos rituais de parto e nascimento vivenciados pelos enfermeiros durante a assistência em área indígena às mulheres da etnia Sateré-Mawé.

As informações foram analisadas em três etapas, segundo a análise temática proposta por Minayo MCS (2014). Primeiramente, foi feita pré-análise a partir de leitura flutuante do material. Em seguida, foi realizada a exploração do material a fim de definir as categorias e, por fim, condensaram-se as informações para interpretação reflexiva e crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em se tratando da caracterização social e de formação dos enfermeiros participantes da pesquisa, na sua maioria eram do sexo feminino, com faixa etária média de 37.1 anos, em união estável. Dentre estes, a maioria possuía apenas a graduação e os demais especialistas em urgência e emergência, saúde pública e UTI neonatal, quanto ao tempo de formação variou entre 01 a 10 anos, e atuando na área indígena de 01 a 09 anos.

Ao se buscar à essência das percepções referentes aos rituais de parto e nascimento dos enfermeiros, vivenciadas na assistência às mulheres da etnia Sateré-Mawé, os resultados foram agrupados em duas categorias: as parteiras tradicionais indígenas enquanto cuidadoras do processo de parto e nascimento das mulheres Sateré-Mawé em área indígena; e rituais de parto e nascimento: o protagonismo da mulher indígena Sateré-Mawé.

As parteiras tradicionais indígenas enquanto cuidadoras do processo de parto e nascimento das mulheres Sateré-Mawé em área indígena

A partir dos discursos, procurou-se compreender a percepção dos enfermeiros que vivenciaram o parto e nascimento das mulheres da etnia Sateré-Mawé. Os relatos destacaram a importância das parteiras tradicionais indígenas enquanto cuidadoras deste processo, presentes nos rituais por meio de sua representatividade e espiritualidade, descritas nas falas a seguir:

> *"Ainda tem alguns rituais que elas seguem (mulheres indígenas), um deles é quando ela entra em trabalho de parto, alguém da família aciona a parteira indígena local […]"* (Enfermeiro 1)

> *"[…] no momento do parto mesmo, a gente observa uma oração na linguagem Sateré-Mawé pela parteira […]"* (Enfermeiro 2)

A importância das parteiras tradicionais indígenas na assistência às mulheres Sateré-Mawé durante o parto e nascimento é transmitida de geração em geração presente até os dias atuais, observada nos discursos a seguir:

> *"[…] naturalmente eles confiam na figura da parteira, que faz um trabalho particular de confiança deles […]"* (Enfermeiro 2)

As parteiras tradicionais são mulheres que prestam assistência ao parto domiciliar com base em saberes e práticas tradicionais, incluindo as indígenas e quilombolas, respeitando-se as suas especificidades étnicas e culturais (BRASIL, 2012). Vale ressaltar que a presença das parteiras tradicionais indígenas ao assistir as mulheres Sateré-Mawé durante o trabalho de parto e nascimento requer confiança da parturiente e família, indo de encontro com as políticas públicas que hoje permitem a assistência à mulher no domicílio, bem como a presença do acompanhante, visando minimizar o estresse do trabalho de parto.

Ainda em relação à figura da parteira, tradicionalmente chamadas de "aparadeiras", "curiosas" ou "comadres", são herdeiras de saberes histórico-culturais, que dominam o ofício de partejar, passados de geração a geração, tornando-se as pessoas mais importantes no atendimento à saúde da mulher indígena

nas comunidades (BARROSOIC, 2009). Tal representatividade é evidenciada nas parteiras Sateré-Mawé, sendo as profissionais mais respeitadas e procuradas em área indígena.

> *"Elas acreditam muito na parteira, a primeira pessoa a ser chamada é a parteira […]"* (Enfermeiro 3)

As mulheres índias, quilombolas, das regiões ribeirinhas, dos sertões, dos pantanais e até das regiões metropolitanas contam com a figura da parteira, pessoa de tradição antiga, vivenciando a contemporaneidade no cuidar da mulher, acompanhando-as em eventos importantes da sua vida sexual e reprodutiva (MELO Ne VIANA P, 2006).

A presença das parteiras como referência para receber o novo ser, como membro da cultura Sateré-Mawé, evidencia a preservação da cultura e dos rituais milenares desse povo aldeiado, mesmo que cercado por cultura urbana. Para os povos indígenas, os rituais possuem significados que expressam normas, conhecimentos, valores culturais, responsáveis pela construção corporal dos indígenas (ALMEIDA AJM e TEIXEIRA JGLC, 2013).

Para Sztutman R. (2008) os rituais são uma celebração das diferenças entre os próprios seres humanos e entre os que habitam o cosmos, sendo posta em movimento com diversas crenças e valores dando um panorama diversificado de rituais para celebrar as diferenças entre os povos. Esta gama de rituais favorece aos povos indígenas de diferentes etnias, a oportunidade de experenciar rituais durante celebração de eventos indígenas.

Rituais de parto e nascimento: o protagonismo da mulher indígena Sateré-Mawé

O processo de parto e nascimento é um evento que possui significados diferentes para cada cultura, portanto quando se busca compreendê-lo em outra sociedade que não seja a que se está inserido, torna-se de extrema importância, desconstruir e desmistificar o entendimento que há de nossas práticas e saberes, para melhor entender as práticas de outras culturas (MAUSS M, 2003).

Este evento não pode ser resumido apenas ao momento biológico, nem como processo de doença e cura, mas como processo de significados diferentes para cada cultura (DAVIS FR, 2001). Sendo assim, o processo de parto e nascimento para o povo Sateré-Mawé é caracterizado por um evento ritualístico, por se tratar da chegada de um novo ser a tribo (CHAVES DC, et al., 2012).

A partir dos discursos dos enfermeiros, foram observados vários aspectos referentes aos rituais de parto e nascimento das mulheres Sateré-Mawé, que evidenciaram o seu protagonismo durante este processo.

> *"Eu acho elas umas guerreiras, porque tem umas que têm sozinhas […] só elas fazem todos os procedimentos" […]* (Enfermeiro 4)

> *"[…] costumam preservar mais a cultura de ter o seu filho em área indígena. Muitas delas têm o filho sozinha […] "*(Enfermeiro 5)

A autonomia da mulher Sateré-Mawé, então, é culturalmente transmitida por gerações, observando-se o respeito à fisiologia do parto e nascimento, confiança no corpo feminino e ênfase na mulher, como protagonista desse processo.

A prática de humanizar o parto e nascimento é recomendada pelo Ministério da Saúde e Organização Mundial de Saúde (BRASIL, 2017; OMS, 1996), bem como o respeito ao local de parto e posições de parto, que também são observadas nas escolhas das mulheres Sateré-Mawé, enquanto protagonistas no processo de parto e nascimento, sendo a posição de cócoras a mais prevalente, conforme refere de forma transparente a fala a seguir:

> *"[…] ela faz acocada, com o marido, a mãe ou um parente bem próximo apoiando a mulher por trás, por baixo dos braços e fazendo o apoio dessa indígena"* (Enfermeiro 2)

> *"[...] elas ficam geralmente de cócoras segurando numa madeira que tem no canto da casa, fazendo força e sempre sendo acompanhadas pelas parteiras [...]"* (Enfermeiro 1)

> *"[...] é bem mesmo tradicional, mas o mais impressionante é o parto de cócoras, característica da mulher Sateré-Mawé"* (Enfermeiro 5)

Quanto à escolha pela posição de parto, cada cultura possui suas peculiaridades, na historicidade do parto no meio urbano as mulheres eram atendidas em seus domicílios. Até o século XVII, as parteiras tradicionais eram referência na assistência ao parto e nascimento, porém em meados do século XVI, início do século XVII, com o advento do fórceps, instrumento criado para extrair os bebês em casos de partos difíceis, alternativa à cesariana que na época resultava em grande número de mortalidade, as parteiras foram perdendo lugar com a figura do cirurgião na assistência ao parto (MALDONADO MT, 2002).

A partir desse momento, o parto no meio urbano passou a ser hospitalizado, mudando a dinâmica de um evento familiar, para um processo medicalizado, as mulheres acabaram perdendo sua autonomia, tornaram-se passivas neste processo (VENDRÚSCOLO CT e KRUEL CS, 2015). É importante ressaltar que a Organização Mundial de Saúde e Ministério da Saúde (BRASIL, 2017; OMS, 1996) incentivam o respeito à autonomia da mulher, local de parto, liberdade de posição e livre movimentação, bem como o estímulo a posições não supinas durante o trabalho de parto.

Vale ressaltar, que mesmo sem conhecimento científico, as mulheres Sateré-Mawé adotam práticas culturais que são benéficas no processo de parto e nascimento, livre de intervenções desnecessárias e que os profissionais de saúde tenham a sensibilidade do respeito aos costumes e valores das mulheres Sateré-Mawé. Os profissionais que vivenciam o processo de parto e nascimento em área indígena referem ainda, rituais direcionados ao destino da placenta, onde foi evidenciado o cuidado de enterrá-la em casa ou no quintal, tornando-se um local místico. Em caso que não queiram ter mais filhos, realizam o ritual da cuia, descrito nas falas a seguir:

> *"[...] a placenta, elas (parteiras) enterram e falam também para as manas (tratamento carinhoso com as grávidas e parturientes) [...] se não quiserem mais ter outros filhos, elas fazem o ritual da cuia, onde a placenta é enterrada com uma cuia emborcada em cima dela"* (Enfermeiro 6)

> *"Geralmente, eles enterram em casa, no quintal [...]"* (Enfermeiro 7)

> *"[...] a placenta é enterrada no quintal da casa [...]"* (Enfermeiro 2)

Rituais com a placenta são observados no mundo inteiro, por exemplo, na África existem povos que consideram a placenta, parte espiritual do recém-nascido, sendo conservada e usada em diferentes rituais pessoais e sociais; algumas parteiras tradicionais da América Central e Meridional a utilizam de forma empírica na reanimação neonatal, dando fogo a mesma, ainda ligada ao bebê pelo cordão umbilical; em outras culturas a placenta é conservada ao lado da criança até a queda do cordão, sem nunca cortá-lo, em seguida pode ser transformada em remédios que serão utilizados no tratamento de doenças que acometam a criança (SHMID V, 2005).

Chama atenção na fala dos enfermeiros que assistem ao parto e nascimento das mulheres Sateré-Mawé, os cuidados realizados com o recém-nascido Sateré-Mawé, onde evidenciaram o clampeamento do cordão umbilical com barbantes, fibra ou linhas. O clamp era utilizado apenas quando era disponibilizado para as parteiras pelos profissionais de saúde. Sua ligadura é realizada na maioria das vezes com palha, tesouras, facas ou bisturis.

Foi relatado durante a entrevista, que algumas parteiras participaram de cursos de capacitação oferecidos por uma Organização Não Governamental – ONG, possuem conhecimento sobre a importância do clampeamento do cordão umbilical ser realizado de forma estéril e nas condições mais higiênicas possíveis (OMS, 1996).

> *"[…] elas usam o bisturi ou a tesoura apropriada, muitas já fizeram o curso de parteira e tem seu material. Elas amarram o cordão com linha mesmo"* (Enfermeiro 8)

> *"O cordão umbilical é cortado com palha, que elas (parteiras) trazem em seu material" […]* (Enfermeiro 6)

> *"Então, como eles não têm clamps, eles geralmente amarram com barbante ou com uma fibra, amarram o cordão e cortam. Cortam com tesouras, facas, o que eles tiverem no momento" […]* (Enfermeiro 7)

Os enfermeiros relataram que após o clampeamento do cordão, o recém-nascido é higienizado e após, estimulado o aleitamento materno, de acordo com os relatos a seguir:

> *"Depois do parto a mãe dá de mamar, aí depois elas fazem a higienização delas com aquela água própria para limpar a criança"* (Enfermeiro 6)

> *"[…] limpam o recém-nascido, dão logo banho de água fria, não é como na maternidade, que é uma água morna. Lá não, eles dão o banho de água fria porque eles acham que vai crescer saudável"* (Enfermeiro 5)

> *"[…] eles têm essa preocupação em amamentar a criança logo após o nascimento […]"* (Enfermeiro 8)

Em relação à alimentação do recém-nascido, o Aleitamento Materno é logo estimulado após o nascimento. Prática que é recomendada pelo Ministério da Saúde, como fator importante no combate a mortalidade infantil, proporciona vários benefícios tanto para mãe quanto para o bebê, pois evita diarreias, infecções respiratórias; diminui o risco de alergias, de hipertensão, colesterol alto e diabetes; reduz a chance de obesidade; proporciona melhor nutrição, desenvolvimento da cavidade bucal, proteção contra câncer de mama, evita nova gravidez, traz menores custos financeiros, promove maior vínculo afetivo entre mãe e filho; e consequentemente, melhor qualidade de vida e deve ser estimulado de forma exclusiva até os seis meses de idade (BRASIL, 2009).

Diante de tantos benefícios para o binômio, observar que entre os Sateré-Mawé existe a cultura de se proporcionar o aleitamento materno prolongado, que segundo Teixeira P. (2005) é mantido desde o nascimento até dois anos ou mais de idade, evidencia um cuidado materno ao nascituro de total importância, que influenciará tanto no vínculo afetivo entre mãe e filho, quanto para o desenvolvimento e crescimento saudável do recém-nascido.

Visto que as populações indígenas possuem maior vulnerabilidade aos agravos prevenidos pelo aleitamento materno (BRASIL, 2009), manter essa prática cultural influência de forma positiva na prevenção da mortalidade infantil, devendo ser estimulada pelos profissionais de saúde, enquanto cuidadores do binômio em área indígena. A partir do exposto, pode-se relatar que as percepções dos enfermeiros sobre o processo de parto e nascimento das mulheres indígenas Sateré-Mawé são marcadas por rituais, que enfatizam a importância da figura da parteira e evidenciam o protagonismo da mulher Sateré-Mawé no processo de parto e nascimento.

CONCLUSÃO

Este estudo demonstra as percepções dos enfermeiros sobre o processo de parto e nascimento entre mulheres Sateré-Mawé possibilitando identificar a presença de rituais durante este processo, que destacam a parteira, como figura de grande representatividade na assistência ao parto e nascimento às mulheres desta etnia. Evidenciam ainda, o protagonismo das mulheres Sateré-Mawé nos rituais presentes neste processo, que é observado desde a sua autonomia quanto à escolha do local e posições de parto, até os cuidados com o recém-nascido, ficando evidente, que apesar do contato da população indígena Sateré-Mawé com o não indígena, ainda são preservados costumes milenares, que são transmitidos de geração a geração, que devem ser respeitados pelos profissionais que as assistem, bem como em área indígena, quanto urbana.

REFERÊNCIAS

1. ALMEIDA AJM e TEIXEIRA JGLC. Rituais indígenas na contemporaneidade brasileira: a (re)significação de práticas corporais do povo Bororo. Revista Sociedade e Estado, 2013; 28: 2.
2. BARROSO IC. Os saberes de parteiras tradicionais e o ofício de partejar em domicílio nas áreas rurais. Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP, 2009; 2.
3. BARROSO MF. Rotas Críticas das Mulheres Sateré-Mawé no enfrentamento da violência doméstica: novos marcadores de gênero no contexto indígena. Dissertação (Mestrado em Serviço Social e Sustentabilidade na Amazônia). Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2011; 140.
4. BERNAL RJ. Índios urbanos: processo de reconformação das identidades étnicas indígenas em Manaus. Manaus: EdUA, 2009; 200.
5. BERNARDES AG. Saúde Indígena e políticas públicas: alteridade e estado de exceção. Interface - Comunicação, Saúde e Educação, 2011; 15(36): 153-64.
6. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Diretrizes nacionais de assistência ao parto normal: versão resumida. 2017.Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/diretrizes_nacionais_assistencia_parto_normal.pdf. Acessado em: 06 de fevereiro de 2019.
7. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Parto e nascimento domiciliar assistidos por parteiras tradicionais: O Programa Trabalhando com Parteiras Tradicionais e experiências exemplares. 2012. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/parto_nascimento_domiciliar_parteiras. pdf. Acessado em: 02 de abril de 2019.
8. BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Saúde da criança: nutrição infantil: aleitamento materno e alimentação complementar.2009. Disponível em: https://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/salde_crianca_aleitam ento_materno_cab23.pdf. Acessado em: 02 de abril de 2019.
9. CHAVES DC, et al. Saúde da mulher indígena: construção do conhecimento vivenciada entre os acadêmicos de enfermagem. Diretrizes de Enfermagem na Atenção Básica em Saúde, 2012.
10. COIMBRA CEA e GARNELO L. Questões de Saúde Reprodutiva da Mulher Indígena no Brasil. Raça/Etnicidade na América Latina: Questões sobre Saúde e Direitos Reprodutivos, 2003.
11. DAVIS FLOYD R. Los paradigmas tecnocráticos, humanista y holístico Del parto. International Journal of Gynecology and Obstetric, 2001; 1(1): 5-23.
12. LONREZ SS. Instituto Socioambiental | Povos Indígenas no Brasil.2015. Disponível em: http://pib.socioambiental.org. Acessado em: 18 de novembro de 2017.
13. MALDONADO MT. Psicologia da Gravidez: parto e puerpério. São Paulo: Saraiva, 2002; 16: 150.
14. MARTINS JCL. O trabalho do enfermeiro na Saúde indígena: desenvolvendo competências para a atuação no contexto intercultural. 2017. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017; 300.
15. MAUS SM. Sociologia e Antropologia. Trad: Paulo Neves. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
16. MELON e VIANA P. Gestação e Parto. Boletim Curumim. Recife-PE, 2006.
17. MINAYO MCS. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde. São Paulo: HUCITEC, 2014; 14: 77.
18. RODRIGUES RA, et al. Saberes indígenas e ressignificação no processo identitário dos Sateré-Mawé/AM. Espaço Ameríndio, 2014; 8(2): 229.
19. SZTUTMAN R. Rituais. In: Povos Indígenas no Brasil e o Instituto Socioambiental. Disponível em: https://pib.socioambiental.org/pt/Rituais. 2008. Acessado em: 28 de fevereiro de 2019.
20. TEIXEIRA P, et al. Migração do povo indígena sateré-mawé em dois contextos urbanos distintos na Amazônia. Caderno CRH, Salvador, 2009; 22: 546.
21. TEIXEIRA P. Sateré-Mawé: Retrato de um povo indígena. Diagnóstico sócio-participativo. Manaus. Universidade Federal do Amazonas, 2005; 1: 146.
22. VENDRÚSCOLOCT e KRUEL CS. A história do parto: do domicílio ao hospital; das parteiras ao médico; de sujeito a objeto. Disciplinarum Scientia, 2015; 16(1): 107.